



RESENHA DO LIVRO *O FALAR MINEIRO* DE JOSÉ APARECIDO TEIXEIRA

Obra: TEIXEIRA, J. de A. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Público Municipal*, v. XLV, São Paulo, p. 5-100, 1938.

Marciano Renato Ribeiro¹

A obra *O Falar Mineiro*, de autoria de José Aparecido Teixeira, publicada no ano de 1938, é considerada como o marco dos estudos dialetais do estado mineiro, pois até então não haviam trabalhos que tratavam dessa relevante temática. Pelo período em que foi escrito nota-se que a linguagem do texto apresenta traços próprios da época e é objetiva, no entanto, faz o uso de termos técnicos relacionados às áreas da fonologia, morfologia, lexicologia e sintaxe do português brasileiro. O livro proporciona uma leitura que remete às origens do português brasileiro, em específico, do falar mineiro, contribuindo para os conhecimentos dos leitores que atuam na área da dialetologia, bem como para quem está iniciando estudos nesse campo do saber. Do mesmo modo, vale salientar que a obra é interessante para os professores alfabetizadores e os professores de Língua Portuguesa, pois o autor apresenta uma série de fenômenos linguísticos que podem, por exemplo, interferir na escrita dos alunos, ademais traz uma relevante consideração sobre o ensino de gramática e o uso real da língua pelos falantes, em específico no início do quinto capítulo.

O livro inicia com os apontamentos do próprio Teixeira, os quais revelam o anseio do autor em contar e analisar a fala do estado mineiro. Com estes versos, o estudioso faz a introdução da obra: “Todos cantam sua terra. Também quero cantar a minha...”

A produção é composta no total de 100 páginas, e encontra-se distribuída em cinco capítulos, respectivamente: I) “Apontamentos sobre o falar mineiro”; II)

¹Graduado em Pedagogia (UNIMES), em Letras (Português e Inglês) e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Lavras – UFLA; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2636-609X>



Fonologia; III) Morfologia; IV) Lexicologia; V) Sintaxe. Também, consta com um resumo no final do livro.

Capítulo I – Apontamentos

O primeiro capítulo da obra compreende três seções. A primeira inicia de maneira poética recordando os principais pioneiros nos estudos dos falares brasileiros e suas respectivas obras, como: Amaral no *Dialeto Caipira*, Nascentes no *Linguajar Carioca*, e Marroquim no *Dialeto Nordestino*. Teixeira, de maneira singela, resalta também seu estudo sobre o falar mineiro, o qual tem o propósito de contribuir com a expressão dos falares brasileiro sobre a expressão portuguesa.

A segunda seção traz uma abordagem sobre o conceito de dialeto e o processo de dialeção, bem como, apresenta e define as fontes dos fenômenos linguísticos presentes em uma comunidade de fala. O estudioso deixa bem claro que o meio físico, o meio social, e a divisão de classes são os principais fatores que originam os fenômenos de uma língua.

Na terceira seção apresenta-se o falar mineiro como uma variedade do dialeto brasileiro que forma um bloco com outros falares (goiano e mato-grossense), aponta seus sub-dialetos, e informa o objetivo principal da obra – apresentar as características gerais, morfológicas e sintáticas em diferentes regiões do estado.

Capítulo II – Fonologia

Neste capítulo, Teixeira discorre sobre as particularidades dos sons do falar mineiro, o qual soa de modo suave, calmo, sossegado, e tem um temperamento brando que é fruto dos longos anos das atividades agrícolas e pastoris desenvolvidas em Minas Gerais. Na pronúncia mineira é nítido um som bem brasileiro e um acento bem nacional.

O ponto principal de discussão do capítulo recai sobre os fatores fonológicos, são eles:

- i. *Acentos* - os monossílabos são pronunciados bem tônicos; inicia-se frases com pronomes oblíquos; pronúncia fechada das vogais *o* e *e* (*côrar*, *êvaporar*), simplificação das proparoxítonas, etc.



- ii. *Vogais* - são todas pronunciadas, e ocorrem diversos fenômenos em variados contextos no momento de sua produção na fala (ditongação, nasalização, perda da nasalização, transformação em outro som vocálico, dentre outros).
- iii. *Ditongos, semiditongos, hiatos* - fenômenos de quedas da semivogal, redução, ditongação, dentre outros.
- iv. *Consoantes simples, consoantes linguais, consoantes palatais* – quedas em final de sílaba, troca de sons consonantais, dentre outros.

A origem do fenômeno “troca do l pelo r” como em “parma/palma” e “sor/sol” é apresentada em duas visões. A primeira, baseada em Teodoro Sampaio, considera a influência indígena/tupi que também aponta a queda do r em final de sílaba como em “amô/amor”. Além disso, considera vários outros fenômenos oriundos da língua tupi, que se referem à influência do cruzamento influído na mentalidade brasileira. A segunda visão, pautada em pesquisadores como Jacques Raymundo e Renato Mendonça, considera a influência africana, pois fenômenos como esses também ocorrem em diferentes regiões da África, e em locais que foram colônias portuguesas. Nesses contextos constatam-se os metaplasmos: permuta, perda, reforço e transposição dos sons na fala do povo.

Capítulo III– Morfologia

Em se tratando da morfologia é considerada a distinção entre a fala das classes cultas e a do povo em geral. A língua popular se desenvolveu livremente, tem suas características e fenômenos específicos, e não se atém às regras gramaticais.

Apresentam-se as classes de palavras e seus respectivos fenômenos:

- a) *Substantivo* – redução da terminação *e* em a “*Irena/Irene*”, “*vantaja/vantagem*”
O número é indicado pelos artigos, enquanto o substantivo fica invariável.
- b) *Adjetivo* – concorda normalmente com o substantivo, preferência pela forma analítica.
- c) *Pronomes* – principais expressões de tratamento: *vancê, micê, ocê, siô, siora, a gente, etc.*



- d) *Verbos* – substituição do futuro pelo presente, uso raro do pretérito mais-que-perfeito, uniformidade de pessoas nos diversos tempos verbais, mudanças no timbre vocal no momento da conjugação, etc.
- e) *Advérbios* – são variados, apresentam graus, etc.
- f) *Conjunção* – são variadas (*neim, logo, mêmo...*).
- g) *Preposição* – são bem reduzidas e variam em simples e compostas.
- h) *Interjeição* – são variadas: *ai!, ui!, tomára!, etc.*

Capítulo IV – Lexicologia

O autor trata da importância da filologia, estudo da língua através de documentos históricos, para a reconstrução da história de um povo em um determinado período. Os fenômenos linguísticos contribuem para a reconstrução da história, porque o léxico, a morfologia, e a sintaxe da língua remetem para o conhecimento dos fatos vividos por uma comunidade.

Teixeira traça um olhar sobre a história do povo mineiro desde quando o território era uma selva ainda não conhecida até o período de colonização, exploração das minas e misturas das raças; fatores que e contribuíram para os traços fisionômicos do subdialeto mineiro. Além disso, o estudioso estabelece o tripé da origem do falar mineiro: o português arcaico; a derivação e composição dialetais; e a contribuição estrangeira.

- i. *O português arcaico* – herdado dos colonizadores, modificado e enriquecido em contato com os índios e os mamelucos. Arcaísmos morfológicos como, *fruito, prejuízo etreição*. Arcaísmos semânticos como, *dona/senhora, mulher; andejo/pessoa que não para*.
- ii. *A derivação e composição dialetais* – o falar mineiro é aberto à criação de novas palavras pelo processo de derivação e composição, proporcionando a renovação do léxico. Por sufixação: *-ada*: foguetada, burrada, golada; *-ão*: homão, barbão, vidrão; *-ento*: melento, vagarento. Por derivação: *a-*: alevantá (r), alembirá (r); *des-*: desapeá (r), descanhotá (r); *em*: embezorrá (r), embatucá (r). Por composição: Deus-dará, bate-boca, cipó-cruz, etc.
- iii. *A contribuição estrangeira*



O índio contribuiu muito para o léxico do falar mineiro, pois foram os primeiros habitantes da região. Com a vinda dos estrangeiros, o Tupi permaneceu como língua geral dos indígenas e bandeirantes. Pelo Tupi eram nomeados vários elementos – rios, montanhas, povoados. Com a chegada do reino e dos negros, decresce a influência dos povos indígenas na língua, até se extinguir como um todo.

Principais contribuições:

Substantivos - a) *animais*: capivara, cutia, gambá; b) *plantas*: capim, pitanga, samambaia; c) *habitação, instrumentos, utensílios, alimentos*: toca, urupuca, mingau, garapa d) *gênios e diversos*: caipora, saci, siri.

Toponímia: a) *idades/vilas*: Ipanema, Itabira, Uberaba b) *rios*: Jacaré, Lambari, Urupuça c) *serras*: Mantiqueira, Urucaia, Piauí

A língua indígena também contribuiu para a tendência do predomínio das vogais agudas no falar brasileiro.

Por outro lado o negro, considerado como maior elemento para a mistura das etnias, contribuiu significativamente com o acréscimo de vários vocábulos na língua. Os africanos eram oriundos de diferentes localidades e tinham como língua geral o quimbundo e, quando trazidos para o Brasil, já viam com noção básica do português.

Principais contribuições:

Substantivos: criação de várias palavras como jiló, ioiô, farofa, mocambo, muxiba, mocotó, etc.

Toponímia: a) *rios*: Banguê, Cumbe, Bombaçab) *serras*: Candonga, Manjolos, Mucambinhoc) *idades*:Caxambú, Muzambinho d) *adjetivos*:banguelo, careca, capenga e) *verbos*: bancar, batucar, cavucar.

A língua africana contribuiu também com o falar mineiro sobretudo no aspecto fonético como a troca *o* pelo *u*, do *v* pelo *b* como em “*afugar*” e “*bassoura*”, e também na queda do *r* e do *l* em fim de palavras como *gerá (l)* e *picurá (r)*.

Capítulo V – Sintaxe

No último capítulo, antes de apresentar os fenômenos sintáticos do falar mineiro, Teixeira faz breves reflexões acerca da importância de pensar a língua de maneira dinâmica e viva. O estudioso considera que as leis gramaticais não são eternas, sendo



assim, devido ao uso real da língua é preciso presar que todo novo fato morfológico ou sintático é justo, em virtude das novas relações de expressões. Assim, desenvolve o capítulo com a apresentação dos fenômenos *desintaxe de concordância* e *sintaxe de regência*.

Sintaxe de concordância

Concordância do verbo com o sujeito - É comum no falar mineiro o verbo não variar na concordância em número e pessoa com seu sujeito (*“Os homioiava, nois teve”*). O sujeito coletivo leva o verbo para o plural, dando-se uma concordância lógica (*“A meninada fizeram um barulho dos diabo”*). Fazer substitui haver nas expressões de tempo (*Fazem muitos dias...*).

Concordância do adjetivo com o substantivo - Ocorre de maneira normal, obedecendo o adjetivo ao gênero e ao número do substantivo (*“Essa muiébunita, esses home valentão”*). Há uma nova concordância, quando enclítico final, como todo-toda (*“os home tudo, as muié tudo, as minina tudo, nós tudo, eles tudo...”*). Discordância de gênero e número (*“A meninada ficô quieto – As reis tavum parado na portera”*).

Sintaxe de regência

Pronomes – *Eu, ele, nós* usados na função objetiva (*“manda eu, pega ele”*). Uso frequente dos pronomes sujeitos (*“eu fui lá mais porém eu não tive co ele”*). O posicionamento dos pronomes nominativos é frequente.

Verbos – *“Fui no cinema”* (ao), *“Olha a casa que morei”* (em). Pessoaliza-se os verbos naturais (*“Chovia uma chuva brava”*).

Advérbios – O emprego de duas negativas é o meio que recorre o povo para exprimir uma negação (*Nunca fiz isso não. Não vai não.*)

Preposição – até (inté) não é seguido e ano falar geral (*vamos até a serra, até o ginásio*).

Conjugação – entre os conectivos oracionais adiciona-se *ai, então, pegou, pega, etc.* (*Aí ele voltou... aí ele...*)

Outrossim, Teixeira salienta que a estrutura da frase popular reflete o processo mental das grandes massas. Ainda que não tenham em seu uso real os processos sintéticos comuns do português, o falar mineiro continua belo com seus vocábulos



expressivos formando um conjunto cheio de beleza e encanto a ser percorrido pelo curso natural, colorido, e simples das ideias.

Assim sendo, o livro *O falar mineiro* é considerado o marco inicial de uma nova fase de estudos sobre a língua falada em Minas Gerais, pois o autor aponta os fenômenos linguísticos que, posteriormente, passaram a ser cruciais para os estudos da dialetologia e da sociolinguística. Este livro veio somar-se a três outras obras fundamentais da Dialetologia brasileira: *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920); *O linguajar carioca*, de Antenor Nascente (1923); *A língua do nordeste*, de Mario Marroquim (1934). Teixeira, com toda sua mestria apresentou inúmeros fenômenos linguísticos do falar mineiro da época nos aspectos fônicos, morfológicos, sintáticos e lexicais, buscando classificar as ocorrências como pertencentes às classes *populares* (ou *incultas*), *semicultas* ou *cultas*. Ademais, o livro traz uma bibliografia com diversos textos clássicos que possibilitará um aprofundamento teórico ao leitor. Sendo assim, trata-se de uma obra fundamental para aqueles que se dedicam as pesquisas da área da dialetologia, sociolinguística e o ensino de língua materna.